

ORNELLA SANTOLIQUIDO

Considerada «a maior pianista italiana», Ornella Santoliquido desfruta uma situação privilegiada na Europa, entre os concertistas internacionais.

O completo domínio da técnica do seu instrumento, a sólida cultura musical que a conduz à intimidade do estilo de cada autor, a prolongada e constante experiência com a música de câmara (Trio Santoliquido, Duo Santoliquido — Amfitheatrof, «Virtuosi di Roma») e uma vigorosa personalidade — eis em linhas gerais o perfil musical dessa artista louvada unanimemente por críticos ilustres da Itália, Suíça, Bulgária, Romênia, Alemanha, Áustria, França e Estados Unidos.

Sua presença na Cultura Artística traz esplêndida contribuição à nossa temporada.

MASSIMO AMFITHEATROF

Nascido em Paris, de pais russos, sua família transferiu-se para a Itália quando ele apenas contava um ano de idade, aí realizando seus estudos, que concluiu em Milão, sob a direção do Maestro Crepax. É italiano por formação e sentimento.

Por vários anos primeiro violoncelo solista da Orquestra Sinfônica da Real Academia Italiana, de Roma, foi depois professor do Conservatório de S. Pietro a Maiella, em Nápoles, formando posteriormente, com Ornella Santoliquido, o duo que se tornou famoso na Europa pelas suas excepcionais interpretações.

Desfrutando de invulgar prestígio artístico, quer como camerista quer como solista, tem atuado em todos os grandes centros musicais da Europa, inclusive nos Festivais de Edimburgo. Consagradas referências da crítica internacional figuram entre as credenciais com que se apresenta na Cultura Artística.



CULTURA ARTÍSTICA DO RIO DE JANEIRO

297.º



Sarau

Sexta-feira, 22 de maio de 1953 — Às 21 horas

RECITAL DA PIANISTA ITALIANA

ORNELLA SANTOLIQUIDO

298.º Sarau

Segunda-feira, 25 de maio de 1953 — Às 21 horas

RECITAL DE SONATAS PELO FAMOSO DUO

ORNELLA SANTOLIQUIDO - MASSIMO AMFITHEATROF

Pianista

Violoncelista

Teatro Municipal

297.º Sarau
PROGRAMA

I

BENEDETTO MARCELLO Concerto em ré menor
Allegro
Adagio
Presto

BEETHOVEN Sonata op. 27 nº 2 em dó sust.
menor
Adagio sostenuto
Allegretto
Presto agitato

II

BEETHOVEN Sonata op. 111 em dó menor
Maestoso — Allegro con brio
ed appassionato
Arieta (Adagio molto sem-
plice e cantabile)

III

CASELLA Toccatta
RACHMANINOFF 2 Prelúdios:
a) em dó sustenido menor
b) em sol menor
PAGANINI — LISZT 2 Caprichos:
a) La chasse
b) La campanella

ORNELLA SANTOLIQUIDO

298.º Sarau

PROGRAMA

I

BRAHMS Sonata em mi menor op. 38
Allegro ma non troppo
Allegretto quasi menuetto
Allegro

II

BEETHOVEN Sonata em lá maior, op. 69
Allegro ma non tanto
Scherzo
Adagio cantabile — Allegro
vivace

III

STRAUSS Sonata em fá maior, op. 6
Allegro con brio
Andante ma non troppo
Allegro vivo

ORNELLA SANTOLIQUIDO — MASSIMO AMFITHEATROF

algumas congêneres, não temos, direta ou indiretamente, ajuda oficial de qualquer espécie, nem contamos com receita eventual de outra origem que não as contribuições mensais de nossos associados. Ainda assim, temos atendido às freqüentes solicitações de ingressos por parte dos Diretórios Acadêmicos de escolas do governo.

A Cultura Artística do Rio de Janeiro vai entrar na sua maioria em 1954. Será a quinta temporada de vigência do último aumento das contribuições, adotado em 1950. A despeito dessa majoração que a alguns pareceu excessiva (determinando seu pedido de demissão, atendido com pesar), deparamo-nos hoje com situação tão difícil quanto a daquela época, sendo entretanto piores as perspectivas, devido à tirania do dólar, moeda internacional dos concertistas.

Pensar em um novo aumento seria concorrer para o agravamento de um estado de cousas, quando minorar-lhe os efeitos deve ser a nossa única preocupação.

Mas a Cultura precisa continuar!

Vinte anos de labor pela arte, os quais, se nos custaram esforços sem conta, valeram-nos a alegria de tantos triunfos que nos orgulham. Louros que não se abandonam assim à margem do caminho.

Uma solução se nos afigura sobremodo indicada para atenuar a crise. Está na própria base da vida da nossa entidade: *a cooperação de todos para um fim comum*. Vamos ampliar numéricamente o nosso quadro social.

Fazemos um apêlo aos nossos associados: que cada um procure, entre suas relações de amizade, alguns novos elementos para se inscreverem como sócios.

Para o maior brilho de nossa próxima temporada contamos com a colaboração eficaz de cada um.

A DIRETORIA.

19. XI. 1953.



CULTURA ARTISTICA DO RIO DE JANEIRO

Aos Srs. Associados:

O ano de 1953 assinalou para a Cultura Artística duas etapas particularmente gratas: o 20.º ano de existência e o 300.º sarau. A passagem das duas efemérides, ao mesmo tempo que dá um índice bastante raro de sobrevivência e de atividade para as organizações privadas e de fins estritamente culturais, no Brasil, proporciona oportunidade para algumas palavras aos sócios, a cuja compreensão dos nossos elevados objetivos se deve a meta já alcançada, e dos quais é lícito esperar as condições propiciadoras da continuidade dessa trajetória.

É oportuno, desde já, reconhecer que um complexo de fatores econômicos e sociais tende a restringir, cada vez mais, ao âmbito das sociedades privadas, a apresentação de virtuosos internacionais, tanto mais que aos empresários só interessam os "astros" cuja exibição lhes assegura lucro certo, em detrimento de inúmeros outros intérpretes que embora de primeira categoria não desfrutam de cotação alta no mercado musical.

A vinda desses artistas por iniciativa da Cultura Artística obedece ao intuito de apresentá-los não somente nos seus próprios saraus, mas também nas sociedades congêneres de todo o Brasil. Assim, na temporada que ora finda, a Cultura Artística do Rio de Janeiro promoveu a atuação de seus artistas em nada menos de 22 cidades por todo o país, das quais 14 capitais de Estados, a saber: *São Luiz* (Maranhão), *Fortaleza* (Ceará), *João Pessoa* (Paraíba), *Recife* (Pernambuco), *Maceió* (Alagoas), *Aracajú* (Sergipe), *Salvador* (Bahia), *Vitória* (Espírito Santo), *Rio de Janeiro* (Distrito Federal), *Niterói* e *Volta Redonda*, (Estado do Rio), *Belo Horizonte* (Minas Gerais), *São Paulo* e *Santos* (São Paulo), *Curitiba* e *Ponta Grossa* (Paraná), *Porto Alegre*, *Pelotas*, *Rio Grande*, *Novo Hamburgo*, *São Leopoldo* e *Cruz Alta* (Rio Grande do Sul).

Embora seja cedo para referir os bons resultados a que se ordena esse esforço: a criação de novos centros de Cultura musical brasileira, e que antes se limitava a meia dúzia de capitais, pode-se já afirmar com segurança que estamos favorecendo a receptividade musical em outros centros populosos, mediante a apresentação de artistas por "cachets" ao alcance das possibilidades das sociedades recém-formadas.

No que concerne, em particular, à Cultura Artística do Rio, as atividades da temporada de 1953 se concretizaram em 17 saraus, cuja discriminação é a seguinte: 3 de conjuntos instrumentais, 4 de conjuntos vocais, 1 recital de dança, 2 recitais de violino, 1 de canto e 6 de piano.

Uma constante em nossas programações, frequentemente reafirmada, é a apresentação de artistas jovens, sempre que projetados no panorama internacional pela vitória num concurso prestigioso ou pelo sucesso inequívoco na carreira recém-começada. Esse critério, longe de ser uma aventura em busca de valores, representa uma iniciativa orientada no sentido de dar oportunidades aos novos artistas que surgem, talentosos, mas ainda não bafejados pela consagração do público, no firmamento dos músicos-intérpretes. Esse modo de proceder nos deu o grande prazer de revelar aos sócios a arte consumada de Szeryng, Firkusny, Kapell, Ginette Neveu, Byron Janis, Gulda, Ciccolini e, ultimamente, de Gerard Souza, Maria Tipo e Sequeira Costa.

A menção dos nomes de Ginette Neveu e de William Kapell, que, como Jacques Thibaud, desapareceram tão trágicamente, leva-nos a aludir, neste breve registro, a outros grandes artistas falecidos entre os que deram sua valiosa contribuição ao brilho de nossas temporadas. Sem pretender fazer uma lista infalível, recordamos os nomes de alguns como os de Frédéric Lamond, Jenó Lener, Margit Bokor, Renée Nizan, Emmanuel Feuermann e Albert Spalding. Entre os brasileiros, a pianista Maria Antonia, tão cedo desaparecida, quando evidenciava ser uma das legítimas afirmações de intérprete de sua geração, e o ilustre compositor Lorenzo Fernández.

Infelizmente, não temos a lamentar somente a morte desses artistas. A fatalidade marcou com um véu de tristeza, aqui e ali, no decorrer destes vinte anos, o nosso quadro de Diretores: Rodolpho Josetti, fundador e primeiro Presidente, Alvaro Goulart de Oliveira, Raul dos Guimarães Bonjean, João Alvarez de Azevedo Macedo e Jorge de Godoy, embora presentes em nossa memória, deixaram para sempre nosso convívio.

Também não podemos contar, hoje, com a presença de muitos que, como sócios, nos ajudaram nos primeiros anos de existência. Pecaríamos por muitas omissões, se quiséssemos lembrar todos os nomes. Mas é de justiça referir pelo menos o de D. Laurinda Santos Lobo, veneranda dama da nossa sociedade, cuja grandeza de coração para com as iniciativas musicais ficará sempre na memória de todos.

E, por fim, perdemos também a colaboração de outros que, no seu setor de atividade, se tornaram credores do nosso afeto: os críticos Oscar Guanabara, Arthur Imbassahy, e, neste ano, João Itiberê da Cunha, o saudoso JIC.

Valha-nos para compensar essa nota de tristeza a memória de muitos saráus que se destacaram dentre os demais como acontecimentos artísticos invulgares, não somente para esta Sociedade mas, de modo geral, para os nossos fóros de cultura. Tais foram, por exemplo, as atuações de STRAWINSKY, KREISLER, MISCHA ELMAN, FREDERIC LAMOND, BACKHAUS, RUBINSTEIN, THIBAUD, CORTOT, CASALS, MOISEVITCH, QUARTETO LENER, QUARTETO KOLISCH, MARIAN ANDERSON, FRANCESCATTI, KEMPF, MENUHIN, ITURBI, etc.

Nesses quatro lustros, fez-se sentir uma profunda elevação do custo de vida, o que acarretou, no que diz respeito à divulgação da música, o lamentável desaparecimento de outras organizações consagradas a essa atividade. A sobrevivência da Cultura se deve, entre outros fatores, a observância de um "modus vivendi" adequado às condições do meio, e à adoção de um regime de austeridade que se aplica desde as despesas com material de expediente, o que poderá causar mesmo uma falsa impressão de mesquinhez, até a remuneração dos auxiliares, numericamente limitadíssimos, o que se tem tornado possível graças ao devotamento de alguns amigos da Cultura que, sem vantagem material de qualquer espécie e sem o desempenho de cargos honoríficos, prestam-nos anonimamente valiosa colaboração. Isso ocorre em função dos compromissos maiores: — os "cachets" dos artistas, — que se elevam atualmente a dezenas de milhares de cruzeiros.

Em 1950, a Cultura, sob pena de um colapso em suas atividades, duplicou as contribuições irrisórias de vinte cruzeiros por mês. Durante algum tempo, a medida correspondeu às exigências que a determinaram, e houve equilíbrio entre essas duas colunas de lançamentos, cuja oscilação representa a morte ou a vida de qualquer organização. A fantástica espiral dos preços continuou, entretanto, a desenvolver-se assustadoramente, transformando créditos em "déficits". A violenta ascensão do custo do dólar, tornando proibitivos os preços das viagens internacionais, implica num aumento inesperado de despesas para a vinda dos artistas, os quais, por esta e outras razões (elevação de preços nos hotéis e do nível de vida nos seus próprios países), também solicitaram, e a isso fazem jus, maiores "cachets". Nos primeiros anos da Cultura (e isto vai quase a título de anedota) orçava por quatro ou cinco mil cruzeiros a remuneração de um artista (precisamente dentre os acima citados), enquanto que hoje ele ficaria descontente se não recebesse de cinco a dez vezes mais.

Infelizmente ainda há o seguinte: contribuições para a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais e entidades oficiais, inclusive o aluguel do Teatro Municipal; o custo dos impressos; a expedição de avisos; a remuneração dos empregados; o custo das comunicações telefônicas e telegráficas; tudo aumentou em proporção geométrica.

Em virtude de se localizarem nas duas principais cidades do país, as Culturas do Rio e de São Paulo pagam maiores "cachets" a fim de contrabalançar a redução nas demais, situadas em centros menos populosos.

Desaconselhável a prática ?

Não. Só assim será possível proporcionar condições para a desejável descentralização, dando a centros de menor projeção cultural e econômica a oportunidade de se desenvolverem no setor da divulgação musical.

Não obstante, é oportuno que saibam os nossos distinguidos sócios que não é a Cultura Artística do Rio de Janeiro a entidade que cobra contribuições mais elevadas. De resto, ao contrário do que ocorre com